



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE MACEIÓ, ALAGOAS: PRÁTICAS, PESSOAS E PEDRAS NO CAMINHO.

Angélica Kelly dos Santos Pimentel (1); Kássia Karina Silva de Araújo(2); Prof.^a Dr.^a Sineide Correia Silva Montenegro (3).

(1) Universidade Federal de Alagoas. angelicakpimentel@gmail.com

(2) Universidade Federal de Alagoas. kassia.s.araujo@gmail.com

(3) Universidade Federal de Alagoas. saburica2001@gmail.com

Resumo: A Rede Municipal de Ensino é um cenário marcado por pesquisas em diversas áreas de conhecimento em especial a dimensão ambiental tratada nas práticas de Educação Ambiental desenvolvidas pelas escolas municipais dentro e fora da sala de aula. O município de Maceió possui um total de 133 escolas públicas municipais, organizadas por Regiões Administrativas (RA) e distribuídas por diversos bairros. O objetivo geral do trabalho foi avaliar as práticas de Educação Ambiental (EA) desenvolvidas em 40 escolas municipais além de identificar as pessoas envolvidas e os principais entraves (pedras) encontrados nos caminhos para realização dessas atividades. A pesquisa priorizou a abordagem qualitativa com observações, aplicações de questionários, entrevistas e análise dos dados de forma descritiva. Em cada escola foram identificados os responsáveis pelas atividades de EA e aplicado um questionário onde os mesmos respondiam sobre práticas de EA presentes na escola. Os resultados indicam que ainda estamos muito distantes de uma EA que de fato leve em consideração o envolvimento de todos e que se mantenha permanente à formação de valores, atitudes e habilidades propiciando a transformação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais, ou seja, uma cidadania ambiental.

Palavras-chaves: Educação Ambiental, Escolas Municipais, Formação Cidadã.

INTRODUÇÃO

A prática da Educação Ambiental (EA) envolve o meio ambiente em sua totalidade, onde todos os conhecimentos científicos e práticas humanas devem estar interligada, proporcionando ao cidadão e ao educando compreensão do ambiente em que vive, sendo capaz de agir neste coletivamente de forma permanente.

A EA deve está não somente no ambiente escolar, mas sim, em todos os ambientes que fazem parte da evolução humana, sempre com base no contexto histórico trabalhado. Objetivando oferecer meios efetivos para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais, as ações humanas e as suas consequências para consigo, para sua própria espécie, para os outros seres vivos e para o meio ambiente, desenvolvendo assim o senso crítico e a construção de um saber ambiental. Para isso, faz-se necessário desenvolver um conhecimento interdisciplinar que crie habilidades e competências.

Em 2005 o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) publicou o crescimento da EA nas instituições de ensino pondo em questão que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

modelo de EA as escolas estavam praticando. Essa problemática nos remete a pensar que os docentes e coordenadores de ensino ainda não compreenderam os verdadeiros princípios e objetivos da EA.

Sendo assim é necessário refletir sobre a forma como a EA vem sendo trabalhada nas escolas e se está sendo realmente efetiva e sensibilizadora, provocando mudança de atitudes e apropriação de posturas que visem à preservação e o cuidado com o meio ambiente.

O presente trabalho teve como objetivo caracterizar e avaliar os projetos ou ações de EA presentes nas escolas municipais de Maceió, identificando as pessoas envolvidas nas práticas de EA e compreendendo quais as principais pedras/entraves encontradas pelos gestores e docentes em desenvolver a educação ambiental na escola.

METODOLOGIA

A nossa pesquisa priorizou a abordagem qualitativa com envolvimento de um processo reflexivo em observações, aplicações de questionários, entrevistas e análise dos dados de forma descritiva. Outra característica da pesquisa qualitativa levada em consideração foi o significado que as pessoas atribuíram a Educação Ambiental ao descreverem suas ações em um determinado período. A realização desta pesquisa envolveu três etapas:

1ª Etapa: Compreendeu uma visita a Secretária Municipal de Educação de Maceió - SEMED, com a finalidade de coletar informações sobre a localização e contatos dos diretores das escolas. O município de Maceió possui um total de 133 escolas municipais com os seguintes níveis de ensino: Creche, Pré-escolar, Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA), distribuída por diversos bairros, e são organizados por Regiões Administrativas (RA) no total de oito (Mapa 1).

Inicialmente decidiu-se que a amostra da pesquisa representaria 30% do total das escolas municipais, o que corresponde a um número de 40 escolas e que todas as Regiões Administrativas se fariam presentes na pesquisa (Quadro 2). O número de escolas participantes variou em função de dois fatores: (1) facilidade de contato por conhecimento dos dirigentes e (2) estar localizada nas proximidades do bairro das pesquisadoras.

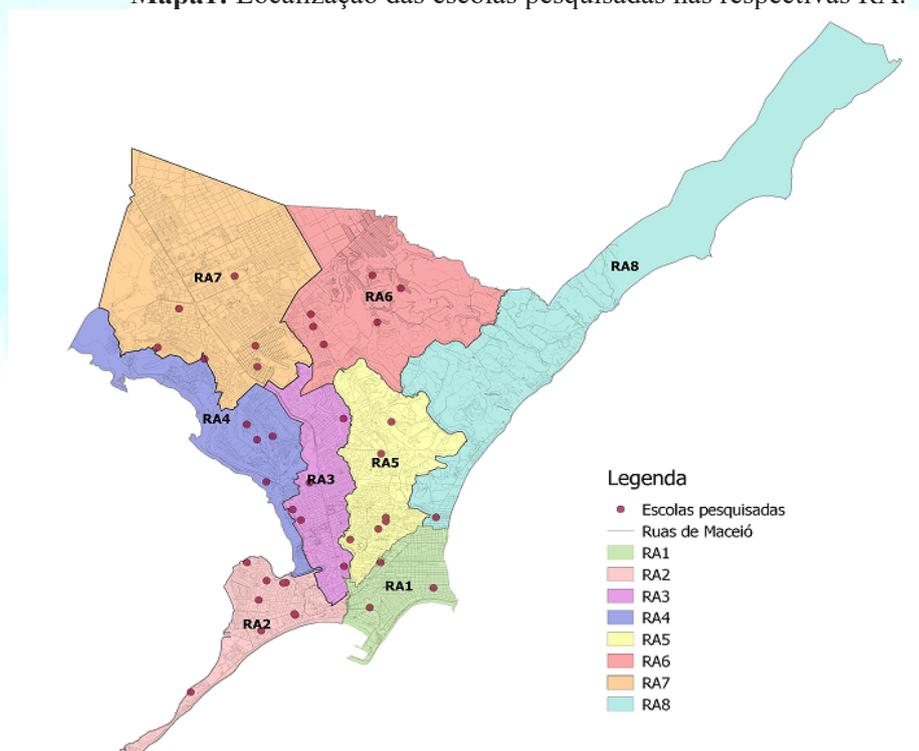
As escolas foram comunicadas da pesquisa e tiveram a garantia do sigilo quanto a sua identificação (estão representadas por números) uma vez que não foi operacionalizado a solicitação da autorização para citação das mesmas no trabalho.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Mapa1: Localização das escolas pesquisadas nas respectivas RA.



Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 2: Distribuição das escolas pesquisadas por Região Administrativa-RG e seus respectivos níveis de ensino.

REGIÃO ADMINISTRATIVA	ESCOLAS MUNICIPAIS	NÍVEIS DE ENSINO
RA 1- MANGABEIRAS, JATIÚCA, POÇO, PONTA VERDE, PONTA DA TERRA, JARAGUÁ E PAJUÇARA	03	1º ao 5º ano
		1º ao 9º ano, EJA
		1º ao 5º ano
RA2- VERGEL DO LAGO, LEVADA, CENTRO, PRADO, PONTA GROSSA, TRAPICHE DA BARRA E PONTAL DA BARRA	09	1º ao 9º ano
		Pré escola, 1º ao 5º ano
		1º ao 5º ano, EJA
		Pré escola, 1º ao 5º ano, EJA
		6º ao 9º ano EJA
		1º ao 9º ano
		1º ao 9º ano, EJA
		1º ao 5º ano
		Pré escola, 1º ao 5º ano
RA 3 – PETROPÓLIS I, CANAÃ, PITANGUINHA, FAROL, GRUTA DE LOURDES, SANTO AMARO, OURO PRETO, PINHEIRO	05	1º ao 5º ano - EJA
		1º ao 5º ano
		Pré-Escola – 1º ao 5º ano - EJA
		1º ao 5º ano - EJA
		Pré-Escola - 1º ao 5º ano - EJA
RA 4 - RIO NOVO, FERNÃO VELHO, SANTA AMÉLIA, BEBEDOURO, CHÁ DE BEBEDOURO, PETROPÓLIS II,		1º ao 5º ano - EJA
		1º ao 9º ano - EJA



MUTANGE, BOM PARTO E CHÃ DA JAQUEIRA	04	1º ao 9º ano - EJA 1º ao 5º ano
RA 5 - SERRARIA, FEITOSA, BARRO DURO, SÃO JORGE E JACINTINHO	07	1º ao 9º ano 1º ao 9º ano - EJA 1º ao 5º ano - EJA 1º ao 9º ano - EJA 1º ao 5º ano 1º ao 9º ano 1º ao 5º ano
RA 6 - ANTARES E BENEDITO BENTES	05	1º ao 5º ano - EJA 1º ao 5º ano
RA 7 - CIDADE UNIVERSITÁRIA, SANTOS DUMONT, TABULEIRO DOS MARTINS, CLIMA BOM, EUSTÁQUIO GOMES E SANTA LÚCIA	06	Creche – Pré-Escola - 1º ao 5º ano 1º ao 9º ano 1º ao 9º ano - EJA 6º ao 9º - EJA 1º ao 5º ano - EJA 1º ao 9º ano - EJA
RA 8 - PESCARIA, RIACHO, DOCE, SAÚDE, IPIOCA, GUAXUMA, GARÇA TORTA, JACARECICA, CRUZ DAS ALMAS, MANGABEIRAS	01	1º ao 9º ano
TOTAL DE ESCOLAS	40	

Fonte: Secretária Municipal de Maceió (SEMED), adaptado pela autora.

2ª Etapa: Envolveu a aplicação dos questionários com as pessoas indicadas pelas escolas como responsáveis pelas ações de Educação Ambiental (EA) dentro da escola; e entrevista com a presidente do Instituto Lagoa Viva, por ter sido citado por vários participantes da pesquisa como a ONG que realizou atividades de EA, a entrevista teve como objetivo conhecer as atividades de EA desenvolvidas e os obstáculos para o exercício destas.

3ª Etapa: Abrangeu compilação e análise dos dados visando sistematizar as informações coletadas. Utilizou-se o conceito de Educação Ambiental e os princípios e objetivos descritos na lei da Educação Ambiental nº 9.795/99, como critério para analisar as atividades de EA realizadas pelas escolas. Para classificar as experiências de EA que vem sendo desenvolvidas em sala de aula e extraclasse, foi utilizado o modelo de classificação de Sato (1997), que considera Educação ambiental a partir de três grandes domínios: A educação para o cognitivo (Sobre o Ambiente), o afetivo (No Ambiente) e o participativo (Para o Ambiente).



III CONEDU

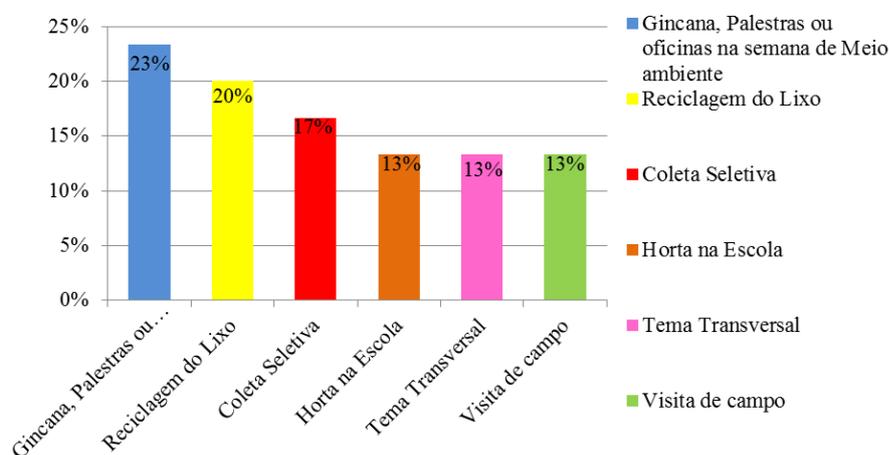
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AS ATIVIDADES PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os resultados apontaram que das 40 escolas municipais de Maceió pesquisadas, 45% afirmam praticar ações de EA, e citaram projetos e atividades desenvolvidas na escola. Analisando o percentual e os tipos de atividades realizadas foi possível classificá-las da seguinte forma: (1) *gincana, palestras e oficinas* (23%); (2) “*reciclagem do lixo*” (20%); (3) *coleta seletiva* (17%), (4) *horta na escola* (13%), (5) *temática ambiental inserida como tema transversal* (13%) e (6) “*visita de campo*” (13%) (Gráfico 1).

Gráfico 1: Atividades de EA presentes nas Escolas Municipais de Maceió.



Fonte: elaborado pelo autor.

As atividades de EA classificadas como gincanas, oficinas e palestras apesar de terem sido as mais citadas pelas escolas pesquisadas, de acordo com Veiga (2005) são iniciativas que demonstraram pouco poder mobilizador no âmbito escolar.

Já as visitas de campo, citada por apenas 13% das escolas, segundo Soares (2012) é uma das atividades de EA mais importantes, pois permite a sensibilização ambiental, uma vez que nelas ocorre o contato direto com o ambiente, oportunizando assim a reflexão sobre valores e, conseqüentemente, mudanças de atitude.

A visita *in loco* evidenciou que algumas atividades citadas (como coleta seletiva, reciclagem do lixo e horta na escola) não estavam mais presentes nas escolas, o que confirma uma ação isolada e a não atividade contínua e permanente na educação. Um exemplo disso foram as escolas que afirmaram trabalhar com a temática do lixo, mas não foram encontrados coletores apropriados nem detectadas práticas de reciclagem ou observado esforço para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

reduzir a produção de lixo ou manter o ambiente escolar limpo.

A grande preocupação está quando o professor acredita que se ele desenvolve atividades pontuais e desvinculadas da realidade sociocultural, em algumas aulas, principalmente na Semana do Meio Ambiente, ele já estará trabalhando EA. Tal situação é denominada por Gouvea (2006) como dispedagogia ambiental, que é “a carência de um projeto educacional que enfatize a importância dos aspectos político, social, cultural, teórico e prático da educação na construção da complexidade ambiental” (p.168). E que isso vem gerando problemas de aprendizagem pelas condições de ensino, ligadas ao professor e ao próprio ensino. A deseducação ambiental é consequência desse processo de dispedagogia ambiental, pois, a partir do momento que o professor faz uso de atividades pontuais, com pouco poder de mobilização, e que não faz os alunos refletirem sobre suas atitudes, ele está agredindo o verdadeiro conceito e objetivo de EA.

Com relação as atividades de EA desenvolvidas nas escolas, foi observado que 72% ocorrem dentro das salas de aula, 17% parte na sala e outra fora dela e 11% fora da escola, caracterizando atividades extraclasse. A importância de se realizarem atividades extraclasse, sobretudo aquelas denominadas de "Estudos do Meio", é referenciada pela contribuição na melhoria da relação de ensino-aprendizagem. Utilizar a natureza ou o ambiente "extraclasse" como espaço pedagógico, contribui para a discussão da problemática ambiental, provocando transformação no indivíduo em que o mesmo passa a refletir em cima de suas ações (LESTINGE; SORRENTINO, 2008).

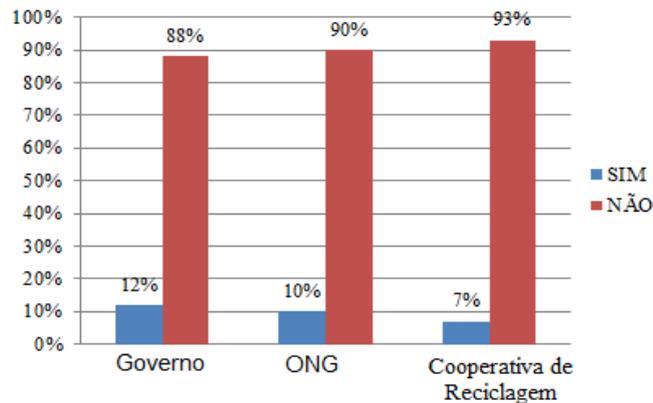
Com relação às práticas de EA realizadas em parceria com ONG's ou incentivadas por programas governamentais sejam eles federais, estaduais ou municipais, foram identificadas que apenas 12% das escolas pesquisada disseram ter envolvimento com o projeto do governo federal “Vamos cuidar do Brasil que inclui o projeto das Escolas Sustentáveis”. Um percentual de 10% relatou ter desenvolvido ou ainda ter ligação com o programa de EA coordenado pela ONG Instituto Lagoa Viva e apenas 7% citaram ainda envolvimento com outras instituições como é o caso das Cooperativas de Reciclagem (Gráfico 2).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Gráfico 2: Práticas de EA realizadas em parceria com ONG's, fomentada por programas governamentais, ou por outras instituições.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na entrevista realizada com a Professora Lenice Santos de Moraes, presidente do Instituto Lagoa Viva (ILV) foi possível averiguar quais das escolas pesquisadas possuíam ou possuem vínculo com o Instituto. Das escolas pesquisadas, dezenove (19) realizaram atividades junto ao ILV até 2011, tendo apenas duas (02) escolas continuado essa parceria.

Para a presidente do ILV a não continuidade da parceria desse instituto com as escolas deve-se ao desligamento do professor que estava à frente das ações das escolas, da mudança da gestão escolar e mudança na gestão da secretaria de educação do município de Maceió. As ações de EA do Lagoa Viva envolve duas etapas básicas: a primeira envolve o planejamento de um plano de ação para a escola com base na realidade e necessidade da comunidade; a segunda é composta pela elaboração do projeto/ ações a ser desenvolvido na escola. A mesma ressaltou que sempre tem um professor (geralmente professor de ciências) ou gestor que recebe a capacitação, para pode realizar a ligação da escola com instituto; esse professor ou gestor escolar deve se tornar multiplicador na escola. Infelizmente nem sempre isso se concretiza e as ações se limitam ao envolvimento de um único indivíduo.

Nesse sentido foi possível constatar que isto se repete em quase todas as escolas, mesmo com o incentivo através de programas/projetos do governo ou de ONG's, as atividades de EA não tem uma continuidade. Enquanto existe algum professor ou coordenador desenvolvendo a ação ou o projeto "caminha", mas, a partir do momento que o professor ou coordenador se desliga da escola os projetos ou ações, que vinham sendo realizados, param e não tem mais continuidade.

Segundo a Lei da Educação Ambiental para desenvolver alguma atividade de EA eficaz deve haver envolvimento de todos que compõe a escola para garantir a continuidade e a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mudança de hábito, com a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.

Com relação as escolas que afirmaram não possuir nem um tipo de atividade de EA (55%) três destas justificaram de várias maneiras. Para uma diretora o maior problema são os professores, pois os mesmos estão mais preocupados em passar os conteúdos dos livros de forma sistemática, e justificou o comportamento da maioria dos professores, a *desvalorização profissional*. Evidentemente que o nível de dificuldade para superar ações participativas dos educandos também contribui para um *desinteresse de construir ações coletivas* com participação de todos. Foram citados também como justificativa a *falta de tempo dos docentes*, alegando que o tempo de aula é curto; e também a *falta de formação dos docentes*.

Analisando as justificativas de porque na escola não se tinha atividades de EA e a forma como os gestores se posicionavam, percebemos que os mesmos não se consideram envolvidos no processo de EA, evidenciando uma visão de EA reduzida a ação direta entre professores e alunos. Existem diversas formas de se trabalhar EA o que falta é a continuidade dessas atividades que muitas vezes ocorre de forma pontual e com frequência anual, especificamente no mês de junho, com a comemoração da semana do meio ambiente.

Para Carvalho (2006) a expressão EA passou a ser usada como termo genérico, com sinônimo de boas práticas ambientais ou bons comportamentos. Para Vieira, et.al (2008), a chave para o desenvolvimento na educação ambiental é a participação, o envolvimento de todos os interessados, a organização da coletividade e o fortalecimento das pessoas.

Com relação à classificação das experiências de EA que vem sendo desenvolvidas em sala de aula e extraclasse, a análise feita com base no modelo de classificação de Sato (1997), que considera EA a partir de três grandes domínios: a educação para o cognitivo (**Sobre** o Ambiente), o afetivo (**No** Ambiente) e o participativo (**Para** o Ambiente), os nossos resultados apontaram que apenas 36% das atividades desenvolvidas envolvem aspectos dos três domínios (ex.: horta, pesquisas, visita de campo); 27% trabalham conjuntamente o cognitivo e o participativo (ex.: oficinas, palestras e gincanas); as demais atividades trabalham apenas ou o cognitivo (ex.: filmes e trabalhos) ou o participativo (cartazes e coleta Seletiva).

Robottom e Hart (1993) *apud* Sato (1997) consideram que os primeiros domínios (*sobre e no*) são aspectos a priori necessários, mas não os objetivos finais da EA. Na concepção desses autores, a EA deverá despertar mecanismos que favoreçam a participação das comunidades, possibilitando um diálogo reconstrutivista no processo educativo *para o ambiente*. Já Arroyo et al. (2008) acredita que a EA *sobre, no e para* o ambiente, promove as oportunidades para que a comunidade esteja ativamente envolvida na construção de



III CONEDU

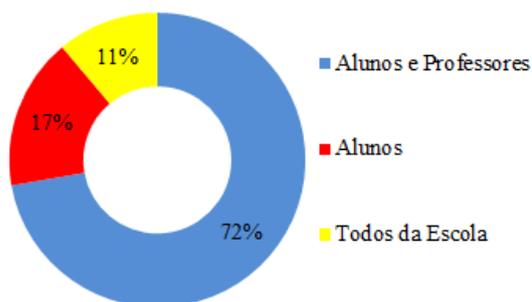
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sociedades mais responsáveis, incorporando, os domínios cognitivos, afetivos e técnicos (participativo).

PESSOAS ENVOLVIDAS NA EA

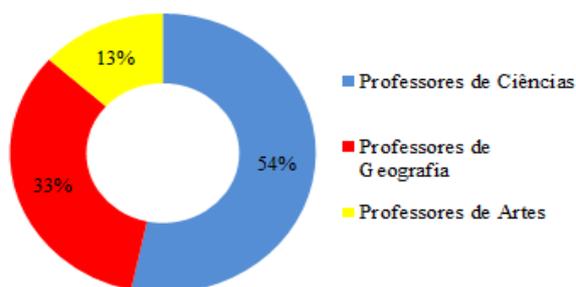
Ao questionar, “Quais são os principais envolvidos nas atividades, ação ou projetos de educação ambiental?” 72% relataram que os alunos e professores são os mais envolvidos, 17% só os alunos e 11% todos da escola (Gráfico 3). Dentre os professores mais envolvidos, 54% apontaram que é do professor de ciências a responsável pelo desenvolvimento dos projetos de E.A. Outros professores citados foram os de Geografia e Artes (Gráfico 4).

Gráfico 3: Principais envolvidos nas atividades de EA na Escola.



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 4: Professores Envolvidos com práticas de EA.



Fonte: elaborado pelo autor.

Quando se fala em trabalhar a Educação Ambiental, a primeira reação da maioria do corpo docente é responsabilizar o professor de Ciências para tais ações. As alegações para que seja ele o moderador dessas práticas vai desde a crença deles ter recebido uma maior preparação em relação à temática, como também por acreditar muitas vezes que existe uma relação mais estreita entre Educação Ambiental e os fenômenos da natureza, os quais aparecem contemplados nos conteúdos programáticos de Ciências (SOARES, 2012).

É notório que maioria dos professores e gestores das escolas municipais de Maceió ainda não entendeu que trabalhar a educação ambiental é envolver todos que estão no âmbito escolar, é trabalhar tanto o individual como a coletividade e a interdisciplinaridade, incluindo todos, em prol da construção de uma sociedade sustentável.

No Brasil, os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) já tratam de temas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

transversais como uma forma de buscar a interdisciplinaridade, como uma alternativa viável para se trabalhar a EA nas escolas, mas poucos praticam a transversalidade como oportunidade de envolvimento e de construção de conhecimentos coletivo. Para Zanardi (2010), os PCN's atendem a este aspecto em todos os âmbitos do ensino, tendo os professores a principal função de mediar e integrar os conhecimentos de diversas áreas para real transformação dos alunos e a sociedade, como um todo.

Os resultados apontam que a nossa EA não educa para a cidadania pois não constrói a possibilidade da ação política, no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita. Este fato não está restrito a EA que se pratica nas escolas municipais alagoanas, é no Brasil como um todo, pois, como afirma Henriques (2007) seja na promoção de uma iniciativa e no envolvimento dos atores que participam do processo, seja na percepção da importância da contribuição dos diversos atores e saberes na compreensão do ambiente, as escolas demonstraram estar distantes da comunidade.

PEDRAS NO CAMINHO

Para Narcizo (2009) as dificuldades são grandes quando se quer trabalhar verdadeiramente a Educação Ambiental, mas precisam ser enfrentadas, mesmo sabendo que a maioria dos problemas ambientais tem suas origens em fatores socioeconômicos, políticos e culturais, e que não podem ser previstos ou resolvidos por meios meramente tecnológicos. Para esse autor, a grande importância da inserção da Educação Ambiental nas escolas, seria conscientizar nossos alunos e ajudá-los a se tornarem cidadãos ecologicamente corretos.

Os nossos resultados apontam como os principais obstáculos para o desenvolvimento de projetos e atividades: **(a) Precariedade dos recursos materiais-** em que estão inseridos os materiais de pesquisa e estudo para o aprofundamento de temas ambientais e educacionais, inclusive para a formação permanente dos professores. Sem material adequado e em quantidade suficiente para realizar seus trabalhos, eles procuram fontes diversas, nem sempre com adequada qualidade acadêmica e científica, o que vem prejudicando o trabalho desenvolvido. **(b) Falta de formação para os docentes-** é necessária uma formação para os profissionais de educação que não seja, meramente, transplantada dos procedimentos convencionais de aprendizagem, e que venha a travestir a Educação ambiental de uma visão equivocada. **(c) Falta de tempo para o planejamento e realização de atividades extracurriculares-** os horários de reuniões muitas vezes não são suficientes para tratar de todas as questões importantes da escola, assim, os trabalhos com EA ficam em segundo plano,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sendo planejados no pouco tempo que resta. **(d) Falta de interesse dos alunos** - para se realizar uma EA efetiva é necessário o envolvimento de todo corpo escolar, mas infelizmente alguns alunos por não compreenderem a importância da EA, não demonstram interesse algum pelas temáticas relacionadas ao meio ambiente. **(e) Falta de participação dos professores, devido à desvalorização e defasagem de salário**, os docentes se sentem cada vez mais desprestigiados e sem estímulo para ensinar, e isso se torna preocupante na prática de EA, pois o educador é o principal mediador da educação.

Para Pazda (2010) *apud* Soares (2012) a falta de material é um fator muito comum quando se trabalha Educação Ambiental, pois é raro encontrar livros que tragam a temática transversal. Para este mesmo autor outro fator determinante é a falta de tempo, já que é muito comum encontrar professores que trabalham quarenta horas semanais e dessas apenas oito são oportunizadas para o preparo das aulas.

As dificuldades em se trabalhar a EA devem ser superadas e para isso é necessário que as escolas estejam preparadas para uma estrutura pedagógica que trate o ensino de forma interdisciplinar, sem está fragmentado quanto ensino por disciplinas tradicionais.

CONCLUSÃO

Trabalhar a educação ambiental é um grande desafio para qualquer escola. As escolas municipais de Maceió trabalham geralmente com atividades formais, com temas geradores predominantemente como lixo, proteção do verde, degradação dos mananciais, para fazer acontecer à interdisciplinaridade, mas, o que se pretende com a Educação Ambiental na escola, é que ela seja um processo de permanente aprendizagem.

Considerando a abordagem e análise do contexto das escolas pesquisadas, podemos concluir que apesar de um número considerável de Escolas afirmarem possuir EA presente no currículo escolar, pouco se faz na prática. Os relatos das principais ações ou projetos presentes nas escolas municipais de Maceió estão ligados a temas específicos, desenvolvidos em atividades esporádicas, e geralmente dentro de sala de aula, com pouco poder de mobilização, gerando nessas escolas certa frustração com relação à EA.

O baixo envolvimento das escolas com ONG's ou com programas governamentais federais, estaduais ou municipais reforça a visão reducionista da questão ambiental em que tudo é visto isoladamente sem conexão e contextualização. O fato de que o professor de Biologia e Ciências é um dos mais envolvidos nas ações de EA, aponta na direção de uma visão naturalista quando se trata a questão meio ambiente e conseqüentemente da EA.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para ser considerada EA, a ação ou projeto tem que buscar o envolvimento de todos e manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais. Os nossos resultados apontam um distanciamento da EA como formadora de cidadãos que transformam o mundo ao se transformar.

Com relação aos obstáculos, as pedras no caminho para desenvolver a EA, ficou evidente que as pessoas nunca assumem a responsabilidade, sempre acusam a precariedade dos recursos materiais e a desvalorização profissional o que nos leva a perceber uma desmotivação pessoal e uma dificuldade enorme de trabalho em grupo.

É necessário um envolvimento maior do poder público com os conteúdos educacionais, como meio de mudança do quadro atual de degradação do meio ambiente. Não basta criar leis e programas que regulamentem a Educação Ambiental nas escolas, é necessário criar condições para que a EA seja um processo contínuo e participativo, a fim de que o aluno possa assumir o papel de elemento central do processo de ensino-aprendizagem, perceber a realidade e ter uma visão integral do mundo em que vive para cuidar melhor dele.

Assim, é importante que a escola perceba que a Educação Ambiental assume, cada vez mais, uma função transformadora e o educador tem a função de mediador na construção de referenciais ambientais, mas é necessário saber usar como instrumento de desenvolvimento social, abordando os temas de forma sistemática e transversal em todos os níveis de ensino.

REFERENCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; et al. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GOUVEA, Giana Raquel Rosa. **Rumos da formação de professores para a educação ambiental**. Educ. Rev. [online]. ISSN 0104-4060, n.27, pp. 163-179, 2006.

HENRIQUES, Ricardo; *et al.* (Org.). **Educação Ambiental: aprendizes da sustentabilidade**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), 2007. 109 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao2.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

LESTINGE, Sandra; SORRENTINO, Marcos. **As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida**. Ciências educação., Bauru, v. 14, n.3, p.601-619, 2008. Disponível: em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132008000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 abr. 2015.

NARCIZO, Kaliane Roberta dos Santos. **Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas.** Rev. eletrônica Mestrado Educação Ambiental. ISSN 1517-1256, v. 22, janeiro a julho de 2009.

SATO, Michèle. **Educação para o Ambiente Amazônico.** 245p., il. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 1997

SOARES, Maria do Carmo dos Anjos; GURGEL, Bruno Saback. **Educação ambiental na escola.** 2012. f. 13. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas), Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

VEIGA, Aline. (Org.). **Um Retrato da Presença da Educação Ambiental no Ensino Fundamental Brasileiro:** percurso de um processo acelerado de expansão. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, p. 23, 2005.. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao6.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2014.

VIEIRA, Rita Alves; et al. **Ensino da Educação Ambiental na Escola Pública Municipal de Parnaíba: Diagnóstico E Perspectivas.** 2008. Disponível em: http://www.fap.com.br/fapciencia/002/edicao_2008/003.pdf. Acesso em: 14 set. 2015.

ZANARDI, Belisa Neves. **Concepções de Educação Ambiental de graduandas em Pedagogia.** 127 f. Monografia (graduado)- Curso de Licenciada em Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde-ccbs, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.